

PASSAGEM DO TEMPO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE VIRGINIA WOOLF, LISPECTOR E O QOHELETH

Adenilton Tavares de Aguiar*

Resumo

Este artigo estabelece uma ponte de contato entre os autores Virginia Woolf, Clarice Lispector e o Qoheleth, no que se refere principalmente à discussão que eles tecem a respeito do sentido e incertezas da vida, em face da morte. Um estudo do livro de Eclesiastes, analisando-o comparativamente aos autores existencialistas, demonstrará que ele sugere uma saída para a inquietude humana.

Palavras-chave: Inquietude humana. Eclesiastes. Escritores existencialistas.

Abstract

This paper establishes contact points among authors such as Virginia Woolf, Clarice Lispector, and Qoheleth, especially regarding the discussion they propose about life's meaning and uncertainties vis-à-vis death. A study on the book of Ecclesiastes, comparatively analyzing it in regards to existential authors will show that it suggests a way out for human restlessness.

Key Words: Human restlessness. Ecclesiastes. Existential literature.

A literatura mundial está repleta de exemplos de personagens caracterizados pela busca de identidade, sendo que sua busca, via de regra, implica o percorrer de um caminho doloroso e marcado por desencontros, através do qual, quase sempre, o indivíduo que sai à procura de identidade esmorece, vítima do tempo, uma vez que o passar do tempo é acompanhado de mudanças no comportamento do próprio personagem. Estudos sobre essa temática têm sido feitos pelos mais variados autores: de Machado de Assis a Milton Hatoum – com parada obrigatória, obviamente, em Clarice

Lispector; de Platão a Virgínia Woolf, passando por Goethe, Dostoiévski, Kafka, entre tantos outros que formam o cânone universal. Há entre eles uma intrínseca relação no que se refere à criação de personagens mergulhados numa espécie de labirinto, em face de sua crise existencial. Este é um problema que ocorre, também, fora das páginas da literatura; para Weber (apud BERMAN, 1986, p. 26),

seus contemporâneos não passam de "especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; e essa nulidade caiu na armadilha

*Adenilton Tavares de Aguiar é graduado em letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente, é professor do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE), em Cachoeira, BA: adeniltonaguiar@yahoo.com.br.

de julgar que atingiu um nível de desenvolvimento jamais sonhado antes pela espécie humana". Portanto, não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal – quase podíamos dizer: sem ser.

A impressão que se tem é de que um grande ponto de interrogação parece insistir na mente de quase todos, uma vez que “para milhões de pessoas, a vida parece sem significado e absurda [...]. À semelhança de órfãos, clamam do mais profundo de sua solidão e desespero: ‘Quem sou eu? Quem foram meus ancestrais? Por que meus pais me puseram no mundo? Como poderei encontrá-los?’” (WHITE, 2000, p. 3). O processo de mecanização parece ser um ponto crucial nessa instaurada ordem de acontecimentos, visto que nos relacionamos cada vez menos com humanos e mais com as máquinas: se precisamos consultar o saldo da conta bancária ou fazer depósito, nos relacionamos com a máquina; se queremos saber quanto resta de crédito do celular pré-pago, somos atendidos por uma secretária-eletrônica; na consulta ao cartão de crédito, apenas em última instância, um humano fará o atendimento, sem contar que, em todos esses casos, mesmo o relacionamento com outra pessoa se dá de uma forma artificial – intermediado por um

dispositivo eletrônico. Enfim, o que foi criado para estreitar os relacionamentos parece assumir um efeito contrário, cumprindo-se a máxima: “o feitiço virou contra o feiticeiro”; ou ainda o que disse Marx, no **Manifesto comunista**, em tom profético:

Todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar [...] as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos.

Comentando a declaração de Marx, Berman (1986, p. 23) afirma que “não sabemos como usar nosso modernismo; nós perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas”. Percebe-se que o homem se torna uma vítima de si mesmo: aonde vamos chegar? – indagam muitos. Não se sabe, ao certo – é a réplica de quase todos.

Este trabalho objetiva, portanto, tecer uma breve discussão sobre essa inquietude humana, utilizando como pano de fundo o pensamento de autores como Virginia Woolf, expresso no livro **Orlando**; de Clarice Lispector, no livro **A paixão segundo G. H.** e o pensamento do Qoheleth. A esta altura é importante esclarecer que o livro de Ecclesiastes, em hebraico, leva o nome de Qoheleth, e, portanto, por ser muito incerto o significado dessa palavra, a partir de

agora, neste trabalho, o autor será reconhecido por esse termo.

Por mais estranha que possa parecer aos desavisados, uma discussão em torno das fronteiras entre o literário e o não-literário é atual, “com destaque nos últimos anos para estudos rigorosamente acadêmicos sobre as relações entre literatura e teologia” (BRANDÃO, 2003, p. 141).

A VOZ DE VIRGÍNIA WOOLF

Esta seção tecerá uma análise da obra **Orlando**, de Virginia Woolf, contemplando o comportamento da personagem homônima ao título, e a maneira como este comportamento sofre mudanças de acordo com a passagem do tempo, que se torna de extrema importância nesta análise, tendo em vista que Orlando é um rapaz de dezesseis anos, quando nos é apresentado, e trinta e seis quando nos despedimos dele, embora esses vinte anos de biografia, como diria Bloom (1995, p. 422), abranjam mais de três séculos de história literária.

Ao longo da narrativa, Orlando vai passando por várias transformações – na realidade, verdadeiras mutações. Bloom (1995, p. 422) o caracterizaria como sendo “um homem, ou melhor, um rapaz, que de repente vira mulher. E também um aristocrata que, sem maiores explicações [...] sobre sua transformação sexual, é pragmaticamente imortal”. A obra confirma a proposição de Bloom: “Orlando

transformara-se em mulher – não há que negar. [...] Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião, tornou-se mulher, e assim ficou daí por diante” (WOOLF, 1978, p. 77). Em suma, “Orlando era uma estranha mistura de muitos humores – melancolia, indolência, paixão, amor à solidão, sem falar em todas aquelas contorções e sutilezas de temperamento que foram indicadas na primeira página” (WOOLF, 1978, p. 41). Um episódio importante na vida de Orlando, é quando, em sua casa de campo, atravessa um período de sete dias dormindo. Ao acordar, se vê diante de um questionamento colocado pelo narrador da seguinte forma: “Qual é a natureza da morte, e qual a natureza da vida?” O próprio narrador, vencido, declara: “depois de esperarmos mais de meia hora por uma resposta, e vendo que não vem nenhuma, continuemos com a narrativa” (WOOLF, 1978, p. 39). Os fragmentos acima revelam um conflito que se trava no interior da personagem, orientando a narrativa do começo ao fim, e que se intensifica à medida que o tempo passa. É importante deixar claro que essa transformação sexual de que fala o narrador não deve ser entendida de maneira pragmática, trata-se apenas de um recurso literário utilizado pela autora para discutir a questão da passagem do tempo na vida do personagem e sua relação com a mudança de comportamento pela qual ele passa, o que se torna mais evidente no fim da obra, quando o narrador apresenta algumas

imagens que evocam a chegada da Modernidade: locomotiva, fábricas, veículos de todos os tamanhos, carros, ônibus, rios de gente, tráfego, papel impresso, tudo isto é o seu novo cenário. “Era o momento presente” (WOOLF, 1978, p. 168). É como se tudo que ficou para trás não passasse de digressões e abstrações do personagem. Agora, “cada homem e cada mulher se dirigia para os seus próprios negócios. E ela, aonde ia?”. Orlando é um ser sem rumo: não sabe aonde vai. Singer (1990, p. 71) esclarece o fato:

Todo ser humano, por mais singelo ou ingênuo, por mais sofisticado ou erudito que seja, acaba por se perguntar: “De onde vim”, “Onde estou” e “Para onde vou daqui?” Tudo o que podemos verdadeiramente vivenciar e conhecer é o presente, o “eterno agora”; o passado, entretanto, está inteiramente imerso neste presente, e tudo o que ainda há de ser brota deste momento no tempo.

Orlando é uma vítima do tempo, ou da passagem do tempo. O tempo não pára nem espera: simplesmente corre. Algumas construções sintáticas retiradas das páginas 172 e 173 representam essa passagem: “crianças **correndo**”; “amigos **atravessando**”; “todos **pulsando** simultaneamente na cabeça”; “todas **morando**”; percebe-se a utilização freqüente de verbos no gerúndio, dando a idéia de continuidade no presente, além de

orações com verbos no pretérito imperfeito, tais como: “o povo **transbordava** das calçadas”; “**havia** mulheres com sacas de compras”; as ruas se **alargavam** e **estreitavam**”; “longas perspectivas se **encolhiam**”; “aqui **era** um mercado”; “os açougueiros **estavam** à porta”; “uma mulher **olhava** da janela de um quarto de dormir”; indicando continuidade, desta vez no passado.

Não obstante a passagem do tempo, duas questões permanecem: a primeira refere-se à sexualidade de Orlando, uma vez que o narrador propõe que “seu próprio sexo era ainda discutível” (WOOLF, 1978, p. 132). A segunda remete a um tema existencial: “que vinha a ser, então, a vida”? (WOOLF, 1978, p. 159). Em **Orlando**, as duas questões estão mais interligadas do que se possa imaginar. A ausência de uma identidade sexual provoca um desequilíbrio nos conceitos que o indivíduo possui acerca da vida, acerca de si mesmo e acerca de sua sexualidade, a ponto de conduzi-lo ao fino despedaçamento da identidade que precede a inconsciência e talvez a própria morte (SINGER, 1990).

A VOZ DE CLARICE LISPECTOR

Uma vez que a ciência não conseguiu apresentar uma resposta definitiva para perguntas como: “Quem sou?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”, as pessoas parecem assumir uma posição de inquietude diante da vida; por outro lado,

“se não se sabe para onde se vai, qualquer caminho serve” – é o provérbio popular; é como se o homem se sentisse em um grande labirinto, sem saber por onde entrou nem por onde pode sair. Esse íterim é o que lhe causa certo estranhamento, abrindo espaço para um desespero existencial, como comentou Singer.

Lispector discute essas questões. Utilizar sua voz neste trabalho, portanto, se justifica pelo fato de ela tratar algumas mesmas temáticas abordadas por Virginia Woolf: “quando apareceu **Perto do coração selvagem**, romance de uma jovem de dezessete anos, a crítica responsável, pela voz de Álvaro Lins, logo apontou-lhe a filiação: ‘nosso primeiro romance dentro do espírito e da técnica de Joyce e Virginia Woolf’” (BOSI, 1994, p. 423).

Em **A paixão segundo G. H.**, Lispector apresenta uma personagem anônima G. H. – digo anônima pelo fato de ser apresentada apenas por suas iniciais, o que não é suficiente para identificá-la –, que vive um episódio inusitado ao encontrar-se com uma barata, degustando-a, após longa divagação e análise em torno do sentido da existência:

Crispei minhas unhas na parede: eu sentia agora o nojento na minha boca, e então comecei a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de um nada [...] gosto de mim mesma – eu cuspia a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de

sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda” (LISPECTOR, 1997, p 170).

Esse cuspir-a-alma-toda representa o desejo de externar toda angústia e descontentamento causados pela busca de uma resposta para as crises causadas pelo próprio homem. Para solucionar a questão, alguns recorrem à metafísica, como é o caso de G. H., e de tantos outros G. Hs., como deixa transparecer o texto abaixo:

A flor não foi feita para ser olhada por nós nem para que sintamos o seu cheiro, e nós a olhamos e cheiramos. A Via-Láctea não existe para que saibamos da existência dela, mas nós sabemos. E nós sabemos Deus. E o que precisamos Dele extraímos [...]. se nós sabemos muito pouco de Deus, é porque precisamos pouco: só temos de Deus o que cabe em nós. [...] sentimos falta de nossa grandeza impossível – minha atualidade inalcançável é o meu paraíso perdido. [...] Quanto mais precisarmos, mais Deus teremos (LISPECTOR: 1997, p 153).

No entanto, ao longo das mais de cem páginas, não nos é apresentado um encontro da personagem com o seu *Eu*, no sentido de que ela se encontra diante da vida; ao contrário, parece claro que, com a passagem do tempo, se distancia cada vez mais de si mesma, o que é anunciado na epígrafe do livro: “uma vida completa pode acabar numa identificação tão absoluta com

o não-eu que não haverá mais um eu para morrer”. Observa-se, assim, que, à medida que o tempo passa, parece que crescem os conflitos existenciais na mente do indivíduo, uma vez que, no decorrer de sua vida, não encontrou as respostas para suas crises existenciais. O ser humano só encontrará sua identidade quando ele souber as respostas para as perguntas que tem a ver com sua origem e seu destino, após a morte.

A VOZ DO QOHELETH

O livro de Eclesiastes é, certamente, uma das literaturas bíblicas mais apreciadas no meio acadêmico e fora dele, principalmente por apresentar uma discussão que, por natureza, é universal, tendo em vista que trata da experiência do homem diante da vida, e seu pensamento diante da morte.

À semelhança de outras narrativas pessimistas, o Qoheleth enxerga futilidade e monotonia nas prossecuções humanas e acontecimentos sobrenaturais: “geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre” (Eclesiastes 1:4). Observa-se, nesse verso, uma menção explícita à rotina e repetição da vida: os verbos “vai” e “vem” – é assim que as pessoas vivem, indo e vindo, como se nada além disso fosse acontecer; os versos seguintes mencionam alguns fenômenos naturais que ampliam a idéia de repetição: o nascer e o pôr-do-sol (verso 5), o percorrer do vento (verso 6), o correr das águas (verso 7), como se o autor

quisesse mostrar que tudo permanece do mesmo jeito – não é de balde a sua declaração de que não existe nada novo debaixo do sol. É justamente essa rotina e repetição que tornam sufocante a vida cotidiana. Na tentativa de fugir dessa realidade, muitos se aventuram a viver de forma hedonista; no entanto, em face da insatisfação, mesmo diante dos prazeres que a vida pode oferecer, se deparam com um problema existencial, que se intensifica à medida que o tempo passa e o indivíduo ingressa na fase final de sua existência. O ato de contar do Qoheleth pode ter influenciado algumas obras literárias tais como **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, cujo narrador-personagem conta a sua história já idoso, tecendo uma reflexão sobre sua vida, após observação e análise de alguns fatos que a marcaram.

O próprio texto parece localizar o autor do livro numa fase avançada de idade, o qual possui uma visão crítica da vida, analisando-a tal qual um sociólogo diante das mazelas que afetam a sociedade. Sua análise amadurecida contempla diversos problemas sociais e como eles interferem no cotidiano das pessoas, além de abrir uma discussão prática a respeito da morte.

A análise de dois versos parônimos ajuda a compreender a mensagem central do livro: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade” (Eclesiastes 1:2), e “Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade” (Eclesiastes 12:8). A paronímia reside no

fato de que, no primeiro, há uma repetição da expressão “ vaidade de vaidades ”. Parece estar claro que tal construção, em hebraico, é uma maneira de construir o superlativo, pois a repetição é uma expressão idiomática para o superlativo. A expressão “ rei dos reis ”, por exemplo, se refere a um rei supremo. Não obstante, o superlativo em hebraico não se comporta como o superlativo em português; neste idioma, acontece com adjetivos, naquele, pode acontecer com substantivos também. Portanto, pode-se inferir que “ vaidade de vaidades ” seria uma vaidade suprema, ou, em última instância, a maior das vaidades. *Vaidade* é uma das palavras-chave do texto; contudo, esta não é a única tradução possível do termo hebraico *havel*, que também pode se referir a “ fôlego ” ou “ vapor ”, relacionando-se, assim, com o efêmero, o absurdo, o inútil e o fútil (MURPHY, 1998).

No intervalo que há entre esses dois versos, o Qoheleth narra as coisas que acontecem *debaixo do sol* – expressão que aparece 29 vezes; ao que parece, numa tentativa de dizer também literariamente que as realizações humanas, do princípio ao fim, não passam de um *vapor*, i.e., são efêmeras, paradoxais, inúteis, no sentido de satisfazer o vazio instaurado no coração humano. Destarte, percebe-se que o autor, mesmo com o passar do tempo, não conseguiu, a despeito de suas investigações, notar uma construção de identidade individual de modo a superar a crise existencial. Esse é o despedaçamento

do eu de que falou G. H.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que as histórias dos personagens Orlando, G. H. e Qoheleth se entrecruzam: o primeiro não encontra resposta para o seu problema existencial, mesmo depois de muitos anos; o segundo encontra seu momento de contemplação ao degustar uma barata; o terceiro vê que todas as realizações do homem são paradoxais e efêmeras e que o fim deste é a morte. No entanto, há uma diferença no objetivo que leva tais personagens a refletir sobre a vida. Os dois primeiros pretendem mostrar apenas uma visão pessimista sem uma solução aparente. Tal visão leva o indivíduo a um labirinto sem saída que o aprisiona dentro de si mesmo, visto que não sabe mais quem ele é. O Qoheleth, por sua vez, procura mostrar que esse apagamento do Eu é o resultado de um distanciamento de Deus. Quanto mais o homem se distancia do Criador, mais desconhece a sua origem e propósito para o qual foi criado.

Portanto, o problema não está necessariamente nas realizações humanas, mas no fato de realizá-las sem Deus. Assim, o Qohelet aconselha que os jovens alegrem o coração, sabendo, contudo, que Deus pedirá contas de todas as coisas. E encerra apresentando o que seria uma fórmula de contentamento e satisfação, mesmo em um mundo imperfeito: “ teme a Deus, e guarda os seus mandamentos ”.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRANDÃO, Eli. O nascimento de Jesus-severino como revelação da esperança: leitura na ponte entre teologia e literatura In: SWARNAKAR, Sudha (Org.). **Tecidos metafóricos**. João Pessoa: Idéia, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MURPHY, Roland. **Word biblical commentary: Ecclesiastes**. Dallas, Texas: Word Books, 1998. versão eletrônica.
- SINGER, June. **Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade**. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1990.
- WHITE, E. G. **O grande conflito: acontecimentos que mudarão o seu futuro**. Tatuí: CPB, 2000.
- WOOLF, Virginia. **Orlando**. Tradução de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.